

## “CORDEL-JORNAL” E O ATIVISMO NEGRO: OS CORDÉIS DA POETISA JARID ARRAES

Diego Ramon Souza Pereira\*

**Resumo:** As manifestações artísticas constituem-se como ferramentas de construção e apreensão da realidade para pesquisas em Ciências Sociais e Humanas, portanto as artes não só retratam como também modifica/transforma a realidade. Diante deste cenário o texto a seguir teve como ponto de partida o seguinte problema de pesquisa: Como a poetisa Jarid Arraes mobiliza através da literatura de cordel um ativismo negro feminista? Buscar-se-á compreender dessa maneira como Arraes mobiliza a literatura de cordel para dar visibilidade ao seu ativismo. Em relação ao método foi escolhido a análise de conteúdo (AC) através dos instrumentos para geração e análise das representações a partir da construção de categorias e códigos. Chegou-se, portanto, aos resultados, os quais indicam uma relação íntima entre o cordel e a arte produzida por esta autora com algumas nuances sobre o que tradicionalmente se chamou de escrita popular.

**Palavras-chave:** Cordel; Feminismo Negro; Literatura popular.


### INTRODUÇÃO

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita dos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? [Sojourner Truth]

A produção analítica acadêmica sobre o papel da mulher na sociedade, particularmente através do prisma do patriarcado, as relações entre os sexos/gêneros, com reflexo nas estruturas sociais, estiveram atreladas a uma luta política que ganhou maior visibilidade com o movimento das sufragistas feministas. Todavia conforme narrado pela Sojourner Truth (afro-americana abolicionista e ativista dos direitos das mulheres) as

---

\* Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Rod. Washington Luiz, s/n, São Carlos - SP, CEP 13565-90, Brasil.  
E-mail: diegoramonsouza@gmail.com.

 <https://orcid.org/0000-0003-1912-6415>.

demandas das mulheres negras, naquele período, não eram pautas do movimento feminista. É interessante pensar que conforme apontado por Truth, no discurso acima, as mulheres negras sempre trabalharam, sendo assim, dentro de um contexto capitalista de produção, eram “úteis” ao sistema. Fica se o questionamento: Qual era o perfil de classe e raça das sufragistas no começo do século XX pautando equidade nas relações de trabalho e direito ao voto? Posso afirmar que, com certeza, não foram as mulheres descritas por Truth, já que mulheres negras pleiteavam o *status quo* de serem consideradas mulheres, por fim humanas.

Enquanto o movimento de sufragistas fora marcado por discursos de mulheres brancas. As mulheres negras sempre tiveram pautas e demandas específicas. Rodal (2015) aponta que a revolução promovida pelas mulheres não foi silenciosa, como alguns afirmam, mas sim silenciada, através de múltiplas estratégias, por vezes camufladas e reproduzidas na educação (RODAL, 2015, p.14). Talvez seja interessante falar que dentro da não visibilidade das mulheres, a mulher negra ainda fica em um papel de subalternidade ainda menor.

É na esteira da educação que se insere muitos dos versos da Jarid Arraes. Então, quem é a nossa poetisa? Jarid Arraes é autora e cordelista, nascida em Juazeiro do Norte em doze de fevereiro de 1991, Região do Cariri no estado do Ceará. Residiu no Ceará até 2014, onde participou do coletivo Pretas Simoa (Grupo de Mulheres Negras do Cariri) e fundou o FEMICA (Feministas do Cariri). Dedicou a seu avô Abraão Batista e seu pai Hamurabi Batista, ambos cordelistas e xilogravadores (artistas que trabalham com a técnica de xilogravura<sup>1</sup>), as suas primeiras leituras de cordel, dar-se-á com a sua frequência ao Centro de Cultura Popular Mestre Noza, local em que tinha contato com outras manifestações da arte popular, para além do cordel.

Ainda residindo no Ceará começou a sua carreira jornalística escrevendo para blogs e revistas, colaborou no Blogueiras feministas e Blogueiras Negras, assim como atuou na Revista Fórum. No final do ano de 2014, Arraes muda-se para São Paulo, onde reside atualmente, e inicia uma importante atuação junto ao coletivo feminista como a Casa Lua. De acordo com Bourdieu (2007) estamos conhecendo os capitais, especialmente o social, que contribuiram para formação/trajetória da autora.

No ano de 2015 foi lançada sua primeira obra “As lendas de Dandara” primeiramente de maneira independente, logo a sua primeira tiragem fora esgotada, e já em 2017 teve sua obra republicada pela editora Cultura. O que nos aponta uma abertura do

---

<sup>1</sup> Técnica artística muito parecida com um carimbo, em que se utiliza uma madeira como matriz, onde se talha algum desenho, passa-se uma tinta, em cima da arte talhada, e se reproduz esta imagem em um papel ou outro suporte adequado.

mercado editorial para os seus escritos. Esta obra fora traduzida para o Francês no ano de 2018<sup>2</sup>.

Partindo dos cordéis<sup>3</sup> publicados pela autora, vídeos e reportagens tentou-se perceber como a escrita dela coteja as pautas do feminismo negro. Relaciona-se, portanto, demandas sociais e produção de novos valores com uma escrita melódica e cantada, sugerida pela poética popular, o cordel. Fica claro que o objetivo de Arraes é trazer visibilidade para os feitos das mulheres negras. Seus escritos tornam-se recurso para efetivação da lei 11.645/08, em sala de aula, que versa sobre a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (AZEVEDO JÚNIOR e ROCHA, 2017).

Os estudiosos das Ciências Sociais podem se valer de inúmeras fontes para geração dos seus dados, como (re)construção da realidade social, e a literatura apresenta-se como um desses suportes. Dessa interação entre a existência dos aspectos socioculturais e a literatura, ocorre o processo de comunicação, composto por “um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra, um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, seu efeito” (CANDIDO, 1993, p. 20).

É na esteira interpretativa anunciada por Antonio Candido (1993, 1980) que está comunicação se ambienta, descola-se da interpretação estética e de editoração das narrativas e filia-se a compreensão da arte, em especial da literatura de cordel, como um local de representações em relação a realidade e também construindo realidades a partir de elementos do contexto sociocultural e político. Com isso a arte constrói imaginários, como também realidades, e opinião pública a respeito dos acontecimentos da época.

É através desse cenário social e político que se inseriu o problema de investigação dessa comunicação: “Como a poetisa Jarid Arraes mobiliza através da literatura de cordel um ativismo negro feminista? A partir do problema foi pensado um tratamento qualitativo do material, através do método Análise de Conteúdo (AC) e das técnicas análise do documento e categorização do texto, através de categorias e códigos.

De acordo com Bauer (2002), a abordagem qualitativa, utilizada no caso desta pesquisa, o próprio fazer literário, a partir das representações presentes no texto, pode apontar um relacionamento entre autor e seu público leitor, interlocução entre os

---

<sup>2</sup> Informações disponibilizadas pela autora Jarid Arraes em sua página na internet, disponível em <http://jaridarraes.com>, na aba sobre.

<sup>3</sup> Os termos “cordel”, “literatura popular nordestina” ou “literatura popular em verso” foram usados nesta comunicação de forma sinônimas para identificar os folhetos vendidos em cordões, barbantes ou sobre uma lona no chão das feiras livres. Só em meados dos anos 50 do século XX foram denominados de cordéis (*vide* Galvão, 2010).

acontecimentos históricos e sociais da época. Bauer (2002) classifica a AC como mista, pois seus recursos flertam em relação à abordagem qualitativa e quantitativa concomitantemente.

A AC tende a diminuir a complexidades de um aglomerado de textos através de uma leitura sistemática do documento. Neste sentido, a AC deve se subordinar à teoria do pesquisador e ao fenômeno pesquisado. Há diversas interpretações possíveis dentro de um *corpus* investigativo, quando se usa a AC, a lente teórica utilizada pelo pesquisador definirá o que fazer com os dados e os achados da pesquisa. Neste tocante, a AC “traça um meio caminho entre a leitura singular verídica e o ‘vale tudo’, e é, em última análise, uma categoria de procedimentos explícitos de análise textual para fins de pesquisa social” (BAUER, 2002, p. 191).

### **CORDEL: UM PANORAMA**

A origem portuguesa dos folhetos de acordo com Maxado (2007), em 1769, o rei João V, de Portugal, remonta a expedição de um decreto determinando que só os cegos podiam vender este tipo de folheto. Devido a isso, estas narrativas, ficaram conhecidas primeiramente como “Literatura de Cego”, comercializada primeiramente na porta das igrejas e feiras. Os temas principais dos folhetos portugueses giravam em torno da narrativa do amor e sofrimento, dos mitos heroicos, das aventuras de cavalaria, entre outros (ALVES SOBRINHO, 2003; CAMPOS, 1959; LONDRES, 1983; LUYTEN, 1992; TERRA, 1983).

Haurélio (2007) faz uma bela narração sobre a origem dos cordéis nordestinos, conforme se vê abaixo

A poesia popular impressa e herdeira do romancero tradicional, da literatura oral (em especial dos contos populares, com predominância dos contos de encantamento). O cordel é um dos galhos da árvore da poesia popular, como o repente também o é. Mas, cordel e repente não são a mesma coisa, pois, à medida que a árvore cresce, os galhos vão se distanciando, embora estejam unidos pela origem comum (HAURÉLIO, 2007, p. 15).

De acordo com esse fragmento, o cordel e o repente<sup>4</sup> compartilham da mesma origem, a literatura oral. A produção escrita, o cordel, configura-se por livretos escritos em formas de rimas ou estrofes que, em relação à formatação do texto pode “conter quatro versos chamados de quadra, sextilhas – contendo seis versos, septilhas ou sete versos, e

---

4 Repente, também chamado de Cantoria, baseado, no improviso entre dois cantadores, geralmente utilizando uma viola (instrumento musical de cordas).

décima – conjunto de dez versos” (GALVÃO, 2001, p. 3). Neles, os decassílabos aparecem em menor número e a sextilhas é a formatação mais comum das narrativas de cordel.

Para Cascudo (1978), a “forma absolutamente vitoriosa na literatura de cordel brasileira, ABCBDB<sup>5</sup>, é tão antiga quanto à quadra” (CASCUDO, 1978, p.351), significando, para ele, que as rimas são intercaladas aos versos livres, por isso presentes nos 2º, 4º e 6º versos, representados no trecho pela letra B. Já em relação ao número de páginas Joseph Luyten (1992) afirma que antigamente, os nomes dos folhetos eram dados de acordo com o número de páginas: os de oito eram chamados de “folheto” (nome, hoje, genérico); os de 16 páginas eram os “romances” e geralmente “tratavam de assuntos amorosos, na maioria das vezes trágicos.” Os de 32 páginas em diante chamavam-se “histórias” e “eram feitos pelos melhores poetas” (LUYTEN, 1992, p. 45).

Quando ainda não havia  
O Rádio e a televisão  
E os jornais não chegavam  
Pra toda população  
O folheto de cordel  
Era o jornal do sertão. (LIMA, 1999, p. 85).

O fragmento acima aponta a relação entre as narrativas dos cordéis e as reportagens jornalísticas, perspectiva que foram adotadas para analisar os cordéis da Jarid Arraes. Nesta esteira, Luyten (1992) define o cordelista do “cordel-jornal”, como aquele que “apreende um acontecimento com sua sensibilidade, empresta-lhe a perspectiva da sua cosmovisão e o retransmite numa linguagem popular, dentro do campo de referência dos seus leitores” (LUYTEN, 1992, p. 49). Nessa configuração o cordel narra fatos, completamente diferente da narração do jornal, ao cordelista cabe: narrar, interpretar os fatos, opinar sobre ele e portanto “ajuda a formar a opinião pública ao redor” (LUYTEN, 1992, p. 49) dentro de uma escrita puramente parcial, na qual a ênfase da narrativa não é o fato, todavia as posições dos agentes, “o bonzinho” e o “vilão”.

Já as narrativas dos jornais, estão preocupadas com a “veracidade” dos fatos, ou pelo menos, vão contando paulatinamente o desenrolar do caso. A ênfase dada ao jornalista é no caso, a notícia, tentando a todo modo ilustrá-la com riqueza de detalhes. A partir disso (GALVÃO, 2010) sinaliza “No folheto, o poeta omite diversos dados que parecem fundamentais para a compreensão da história” (GALVÃO, 2010, p. 123), é na

---

5 Sigla referente à representação gráfica da métrica usada nas rimas dos cordelistas da primeira geração (MATOS, 1986).

omissão dos dados que o cordelista constrói e compartilha sua visão de mundo, alicerçando uma opinião pública.

É através dos cordéis de cunho jornalístico, denominados aqui de “cordel-jornal” que auxilia no entendimento sobre o público leitor, chamado por Galvão (2010) de “leitor/ouvinte”. Essa denominação, leitor/ouvinte, encontra-se concatenada com o contexto histórico das narrativas poéticas, pois o início da escolarização pública e consequentemente a diminuição das taxas de analfabetos começaria a ocorrer no nosso país por volta dos anos 30 e 40 do século XX. O leitor/ouvinte, para Galvão (2010) não estaria interessado na notícia e sim, através da narrativa, reforçar certos valores compartilhados socialmente que apontam uma visão de mundo.

### **FEMINISMO E RAÇA: UMA EXPLICAÇÃO**

Para entender a tessitura do texto da Jarid, além de conhecer sua forma, no caso o cordel (já que nessa comunicação os dados primários para análise foram gerados a partir de sua produção textual em cordel). Também é necessário saber um pouco do conteúdo ao qual a autora destaca em seus escritos, devido a isso faz se necessário resgatar conceitos e discussões em relação ao feminismo que depois será entendido como feminismos e a questão racial.

Historicamente pode-se apontar o Iluminismo como marca de um momento de modificações profundas no contexto social. Influenciado pelas concepções desse movimento surge a ideia de cidadania, pondo, os partícipes dessa como “iguais perante a lei”. Altera-se, portanto, o modo como as relações sociais vão se dá, cabendo definir quem é cidadão, quais os critérios para obter e exercer.

O voto, a capacidade de eleger representantes no sistema político, é uma das principais formas de exercer a cidadania, por isso a luta pelo direito de expressar a vontade política foi uma das primeiras bandeiras do feminismo. Rodal (2015) ao historicizar o Feminismo, mostra que a palavra surge no ano de 1837, diante das mudanças sociais que passam a definir o que seria cidadania. A autora aponta que, “a luta se dava pela necessidade das mulheres de obterem os mesmos direitos civis e políticos dos homens, assim dariam os primeiros passos em direção à justiça social” (RODAL, 2015, p. 14).

Um mecanismo usado para apagar as produções das mulheres foi o reforço da crença que elas eram biologicamente dotadas para desempenhar certos papéis e outros não. Seriam aptas a reproduzir, cuidar dos filhos e da família, dimensões do espectro da

natureza, mas não dispunham de habilidade para se inserirem no mercado de trabalho formal, ramo da cultura, logo faltavam a elas faculdades que à dotassem de um espírito racional.

Com a inserção de outras sujeitas e, portanto, a ampliação das demandas convencionou-se dividir o movimento Feminista em ondas. Essas divisões compreendem períodos históricos nos quais as reivindicações organizavam as mulheres em lutas. A primeira onda do Feminismo é marcada pelo movimento sufragista no início do século XX, em que as mulheres se organizaram em torno da luta pelo direito ao voto, condição restrita aos cidadãos, nesse caso, os homens alfabetizados.

As primeiras mobilizações feministas resultaram na abertura de escola para mulheres, centros de reuniões, e conquistas para mulheres tanto da classe burguesa quanto trabalhadora. No século XX os ganhos dessa primeira onda começam a se evidenciar mais com o exercício do voto pelas mulheres e a representação política.

A segunda onda tem seu início nos anos 70, como marca Rodal (2015) não mais se fala em Feminismo no singular, mas sim Feminismos, pois a sujeita desse movimento começa a ser questionado. A categoria mulher, no singular, não consegue abranger todas as experiências vividas, assim as múltiplas vivências começam a tensionar as pautas do movimento.

A obra “O segundo sexo”<sup>6</sup> da filósofa francesa Simone de Beauvoir (2014), marco no esforço de desnaturalizar os papéis de gênero, mostra que o “ser mulher” e as atribuições que isso implica não é algo natural, mas aprendido socialmente. O esforço em desnaturalizar a condição da mulher, as diferentes experiências vividas por elas, os modos de perceber o ativismo, a luta feminista, as inclinações políticas que orientam, provocam o surgimento de várias vertentes do movimento, cada um com especificidades nas pautas, repertórios de ação e filiação política.

Outras vozes também começam a lutar por espaço como as lésbicas, não visibilizadas dentro do movimento que tinha por referência as mulheres heterossexuais. Já as mulheres negras, também silenciadas, possuíam as suas experiências marcadas por processos de colonização e de diáspora. Passam então a reivindicar com mais força as suas pautas dentro do movimento Feminista.

Asunción Rodal (2015) marca a terceira onda do feminismo como “inserida na pós-modernidade global e integrada pela rede mundial de computadores, (...), passam a dispor do ciberespaço, como um local de ação política” (RODAL, 2015, p.32). É através do

---

<sup>6</sup> A primeira edição do livro foi lançada no ano de 1949, momento posterior a II Guerra Mundial.



ciberespaço que conforme aponta Rodal (2015) insere-se essa nova atuação dos movimentos sociais, portanto “a internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global” (CASTELLS, 2003, p. 8). Os diversos produtos humanos estão sendo conectados a ela, assim, ficar ou estar “desconectado” (não ter acesso à Internet) é estar fora desta rede de troca de informações.

Castells (2003) mostra que três fatores propiciaram a integração da sociedade em redes, a necessidade da globalização do capital, os anseios sociais de desfrutarem mais liberdade e de se comunicar. O avanço no desenvolvimento dos computadores e na tecnologia de informação permitiram o surgimento do que ele chama de “sociedade de rede” (CASTELLS, 2003, p. 8).

Em relação ao marcador social atrelado a Raça, afirma-se que é um conceito proveniente das Ciências Naturais, cuja referência são os espécimes que possuíam um ancestral comum, a primeira classificação baseada nesse conceito feita pelo naturalista Carl Vonn Linné, separando assim as plantas em vinte e quatro raças/espécies distintas. O conceito recebeu um significado social definindo uma linhagem de um grupo de pessoas que possuíam um ancestral comum, no século XVI. Ele passa a ser extensivo as pessoas pertencentes a determinada classe social, como ocorreu na França no momento do conflito entre os francos e os gauleses (MUNANGA, 2000, p. 17).

O conceito de raça começa a ser usado para diferenciar grupos humanos por volta do século XVII, tendo como critério para esses, aspectos físicos, como por exemplo a cor da pele, surge, portanto, uma divisão em três grupos, básicos: a raça branca, negra e amarela. Nessa configuração o conceito de raça deixa de operar apenas no campo da biologia, marcando hierarquias sociais e relações de sujeição advindas das características morais, físicas e intelectuais atribuídas aos grupos por conta da herança biológica.

O esforço em diferenciar as pessoas pertencentes a determinada raça esteve relacionada com a busca pela “pureza do sangue”, isso garantiria a perpetuação dos caracteres fenotípicos, intelectuais e morais, servindo também para justificar a hereditariedade como critério de manutenção das classes sociais e das relações de sujeição de seres humanos marcados pela hierarquização das diferenças raciais.

O conceito de raça é mobilizado como repertório/justificativa para fundamentar a dominação e exploração da população negra pelos brancos europeus, no caso do Brasil colonial. Os caracteres biológicos eram tidos como determinantes dos elementos morais, intelectuais, e físicos dos sujeitos. Nesse cenário os negros eram vistos como não humanos,



bestializados, movido pelas emoções, pela exacerbada libido sexual e desprovidos de alma (SOUSA, 1983). Essas e outras características estariam inscritas em seu sangue, por isso toda espécie estaria fadada a nascer com essas características, por sua condição esses podiam ser dominados e escravizados sem nenhum receio, essa visão sustentou o regime escravocrata (SCHWARCZ, 1993).

Para Fanon (2008) as imagens construídas em torno do colonizador e do colonizado terminam por alienar o segundo. A condição de colonizado coloca-o em uma situação de derrotado e explorado, recebendo toda a carga negativa que essa construção o impõe. O colonizado termina por internalizar essas ideias e por muitas vezes naturaliza-la, levando o sujeito a um processo de tentar expurgar ou esconder do seu corpo elementos, traços que remeteria ao período da escravidão, subalternidade, desumanização, indo em sintonia ao discurso de Truth, do começo do texto, “eu não sou gente”.

O processo de desumanização, chegava também ao entendimento sobre a miscigenação, cujos seres seriam inférteis. Essa lógica interpretativa vem dos estudos biológicos dos cruzamentos entre espécies distintas, a “teoria científica” de Joseph A. Gobineau aplicada ao contexto social, fora compreendida pela psicóloga Carone (2002) a partir de:

O racismo de Gobineau estava fundado na visão poligenista da humanidade e condenava o cruzamento inter-racial, que tem como consequências a perda da pureza do sangue da raça branca e superior e a produção de seres inférteis e incapazes - os sem-raça - que viriam a comprometer o potencial civilizatório de nosso povo. O mestiço seria o mulato, equivalente a mula, animal híbrido derivado do cruzamento do jumento com égua ou do cavalo com a jumenta. (CARONE, 2002, p. 14)

Duas correntes aglutinavam os pesquisadores que buscavam refletir sobre a origem da humanidade: visão monogenista (até meados do séc. XIX) influenciada por uma visão religiosa do surgimento da humanidade toda ela originaria de um único ancestral. A degeneração em relação ao pai fundador da humanidade, no caso Adão, explicaria a diversidade humana.

O desenvolvimento das ciências biológicas propiciou o surgimento de outra corrente, a poligenista, que buscava compreender como a humanidade surgiu decorrentes de “vários centros de criação” (SCHWARCZ, 1993, p. 48). Isso justificaria a existência das várias raças, se opondo aos dogmas religiosos e sendo reforçado pelo surgimento de disciplinas científicas como a frenologia e antropometria, tendo por expoente, o Conde de Gobineau (na Europa) e o Nina Rodrigues (no Brasil).

O uso de medidas corporais para estabelecer diferenças, aptidões, inclinação a violência e a criminalidade começam a ser usadas em meados do século XIX. Precisamos destacar que a população negra se torna o alvo privilegiado dessas pesquisas, medições, através disso tinham os resultados destes, vinculados a características negativas (RODRIGUES, 2008a, 2008b).

Das relações conflituosas entre populações de raças distintas e as consequências sociais dessa, surge o racismo que é definido por Munanga (2004) como “uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural” (MUNANGA, 2004, p. 24). Foi esse tipo de crença que sustentou por tantos anos o sistema escravocrata e deixou sua marca em diversos países e também no Brasil. Já que

com os progressos realizados na própria ciência biológica (genética humana, biologia molecular, bioquímica), os estudiosos desse campo de conhecimento chegaram à conclusão de que a raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito alias cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-las em raças estanques. Ou seja, biológica e cientificamente, as raças não existem (MUNANGA, 2000, p. 21).

Mesmo com a inoperância científica do conceito de raça, ele continua presente nas discussões políticas e no imaginário social, Munanga (2000) aponta que, apesar de o conceito surgir nas ciências biológicas, passa a ser usado socialmente para hierarquizar e justificar relações de abuso e exploração dos seres considerados racialmente inferiores, estes no geral a população que foi colonizada pelos europeus descobridores das novas terras.

Entende-se, nesse texto, o conceito de raça como um esquema que opera política e socialmente baseada em aspectos biológicos, mas constantemente negociados e renegociados pelos agentes (*vide* Schwarcz, 1993, p. 47). Conhecer as conjunturas sociais do momento onde o conceito de raça começar a ser usado aplicado ao social, nos ajuda a entender por quais motivações até hoje ele opera separando os indivíduos.

## **FEMINISMO NEGRO E O OS CORDÉIS “HEROÍNAS NEGRAS”**

Interseccionando as relações de gênero com a questão racial, temos a análise de Lugones (2014) cuja proposta é analisar contextos colonizados na busca de como se dão as estratégias de resistência diante das imposições da colonialidade de gênero. Esse cenário

inicia-se a partir do século XVI em um primeiro momento colonial, instante dos grandes descobrimentos e a partir do desenvolvimento industrial surge a modernidade capitalista.

A autora aponta que “a modernidade organiza o mundo ontologicamente em termos de categorias homogêneas, atômicas e separáveis” (LUGONES, 2014, p. 235) ela enfatiza que os pares se estabelecem dentro dessas relações, como a que se desenvolve entre colonizador e colonizado. Tal relação passa pela desumanização dos últimos visto como selvagens, incontrolláveis sexualmente, ao passo que o homem branco colonizador representava a racionalidade, iluminação, como já mencionamos acima.

Por muito tempo o Feminismo fez um esforço de dar voz às mulheres, mas estas eram postas uma categoria homogenia, nos anos 80 a intelectual brasileira Lélia Gonzalez (2011, 1998) levanta a impossibilidade de pôr todas as experiências do ser mulher debaixo de uma única categoria. Para ela as experiências vivenciadas dentro de diferentes interseções como raça, classe social, escolaridade ocasionam diferentes trajetórias, assim as mulheres negras, indígenas, brancas, colonizadas, não colonizadas teriam vivido situações distintas, que precisavam ser explicitadas em seus discursos e transformadas em demandas específicas.

Gonzalez (1988), é uma das primeiras teóricas a questionar os saberes produzidos e as lógicas de exclusão de vozes oprimidas dentro desse. A autora dá destaque à desumanização dos sujeitos colonizados que se desenvolvia principalmente pelo racismo justificado pelas hierarquias estabelecidas, apagando a história pré-colonial dessas populações, suas instituições, cosmologias, técnicas, fazendo com que estes sejam reconhecidos como seres puramente emocionais, conseqüentemente incapazes de narrar a sua história, sendo o relato acerca da humanidade, redigido por homens brancos e europeus (HOLLANDA, 2018).

O trabalho de Gonzalez (2011, 1998) busca compreender o que é ser mulher negra na sociedade brasileira, percebendo quais são os estereótipos construídos a partir do gênero codificado pelo racismo, aponta-se com isso três tipos: a mãe preta, a mulata e a doméstica. Portanto o “tornar-se negra” é uma construção que vai ocorrendo mediante as experiências vividas pelas mulheres, que passam a perceber como se dão as relações inter-raciais, compreendendo que a negritude não é algo natural.

Essa pulverização de vozes, demandas e as múltiplas subjetividades encontram se na internet um terreno fértil. Afinal é no campo do virtual que os valores podem ser conservados, refutados e reconfigurados, já que não há uma clara hierarquia e os centros de

poder são deslocados ou não existentes. Permite-se com isso o surgimento de movimentos sem líderes nos moldes da militância mais tradicional.

A partir desse contexto social de globalização e multiculturalismo novos tipos de ativismo e reivindicações são colocados à baila. Cada vez mais transversais, tendo o protagonismo da sociedade civil como um dos grandes ganhos e isto acontece pelos diversos mecanismos que este espaço propicia: textos científicos, imagens, vídeos, poesia e também cordel.

Em relação a produção literária de Arraes, seu primeiro livro de prosa “As lendas de Dandara” (publicado em 2015) ela evidenciou o contraponto dessa subserviência atribuída ao negro no período colonial, como apontou Fanon (2008). Desvendar que Dandara não foi apenas a mulher do líder de Palmares, Zumbi, ela já era uma liderança política e social antes da constituição do casal e isso era tão forte que a mesma fora tratada também como um problema de Estado. Então Dandara, evidenciada por Arraes, contrapõe-se radicalmente a tese da degenerescência racial mostrada por Nina Rodrigues (2008 a, 2008 b) com a qual o ser negro possuiria uma incapacidade física e mental, um ser de segunda categoria.

O texto analisado para essa comunicação foi uma compilação de cordéis já anteriormente produzidos e publicados pela autora, de maneira individual. Cujas obras levaram o mesmo nome da coleção “Heroínas Negras”, uma coletânea de quinze cordéis, lançado pela editora Polén, publicado em 2017, com um total de cento e setenta e seis páginas. Em resumo, esta obra apresenta a trajetória/biografia em ordem alfabética e não cronológica de quinze personalidades importantes de mulheres negras.

São elas, em ordem de apresentação no texto de Arraes: Antonieta de Barras, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Dandara, Esperança Garcia, Eva Maia do Bonsucesso, Laudelina de Campos, Luísa Mahin, Maria Felipa, Maria Firmina, Mariana Crioula, Na Agontimé, Tereza de Benguela, Tia Ciata, Zacimba Gaba. E no último capítulo apresenta-se um espaço interativo do leitor, intitulado “Conte a sua história”.

A biografia destas personalidades ora flerta com o contexto escravocrata que viveram, como por exemplo: Maria Felipa, Dandara ou Aqualtune, por exemplo. Ora são personagens contemporâneos como por exemplo: Carolina Maria de Jesus, Antonieta de Barros, Laudelina de Campos entre outras, personalidades que marcam a militância negra brasileira.

A partir de agora serão destacados alguns trechos pontuais dos cordéis. Iniciaremos com a escritora mineira Carolina Maria de Jesus, cuja Jarid Arraes (2017) descreve:

Recomendo que pesquise  
Muito mais dessa escritora  
Que era mãe, era poeta  
Era forte inspiradora  
E ainda era uma artista  
Com talento de cantora. (ARRAES, 2017, p. 41)

Mesmo Carolina Maria de Jesus, tendo sido reconhecida como escritora a partir da publicação da obra *Quarto de Despejo*, Arraes (2017) evidencia as demais possibilidades artísticas da escritora que ficou registrado em diversos acervos e institutos do país.

Por racismo e elitismo  
Pouco dela hoje se fala  
Mas tamanho preconceito  
Seu legado jamais de cala  
É por isso que eu lembro  
E meu grito não entala.

Carolina é um tesouro  
Para o povo brasileiro  
É orgulho pras mulheres  
Para o povo negro inteiro  
Referência como exemplo  
De valor testamentário. (ARRAES, 2017, p. 42)

O processo de subserviência e subalternidade que passa a população negra, particularmente as mulheres negras (SOUZA, 1983), está expressa no fragmento acima. Pois com toda a notoriedade da sua obra sobre a questão racial e a situação desumana das favelas paulistas na segunda metade do século XX, “pouco dela hoje se fala”. Arraes (2017) atribui este esquecimento ao “tamanho preconceito”, todavia “seu legado jamais se cala”. Então Arraes (2017) corrobora com o que Munanga (2000) sinaliza sobre memória, negritude e esquecimento.

No cordel sobre a catarinense Antonieta de Barros, Arraes (2017) evidencia a importância do cordel como ferramenta de militância, conforme se percebe no trecho abaixo:

Nas escolas não ouvimos  
Essa história impressionante  
Mas eu uso meu cordel  
Que também é importante  
Para que você conheça  
E não fique ignorante. (ARRAES, 2017, p. 22)

O esquecimento dado a essas autoras pela historiografia escolar sinaliza o racismo institucional presente nas estruturas escolares do nosso país, não só a invisibilidade da sala

de aula, mas também sua não presença nos currículos escolares (MUNANGA, 2000). E a arte, tendo por cordel seu destaque, pode ser usado como mecanismo propulsor dessas ideias.

Arraes (2017) ainda nos aponta

É por isso que eu digo:  
 Antonieta é exemplar  
 E além de inspiradora  
 Pode muito desbravar  
 Foi abrindo os caminhos  
 Pra gente passar (ARRAES, 2017, p. 21).

Esse é o nosso papel  
 Considero obrigação  
 Pra acabar o preconceito  
 Pra espalhar informação  
 Destruindo esse racismo  
 E gerando inspiração (ARRAES, 2017, p. 22).

Conforme evidenciado por Lugones (2014) e Rodal (2015) o racismo penetra na vida das sujeitas negras e valoriza outros referenciais, a não aceitação da subalternidade é a primeira etapa para a construção de outras narrativas. Histórias essas que não perpetuem situações de vulnerabilidade e subalternidade. Arraes (2017) sinaliza que a reconfiguração de outras narrativas só é possível a partir de dois movimentos “destruindo esse racismo/ e gerando inspiração” só que isso é possível quando se “espalha a informação”.

Ao falar sobre a princesa Aqualtune, filha do rei do Congo, Arraes (2017) pontua que a mesma “lutou contra a invasão do seu reino, mas foi derrotada e trazida como escrava para o Brasil. Mãe de grandes líderes negros Ganga Zumba, Gana e Sanin, mãe de Zumbi dos Palmares” (ARRAES, 2017, p. 33).

Uma história como a dela  
 Deveria ser contada  
 Em todo livro escolar  
 Deveria ser lembrada  
 No teatro e no cinema  
 Que ela fosse retratada.

Mas se eu tivesse sozinha  
 As informações buscar  
 Foi porque ouvi seu nome  
 Uma amiga mencionar  
 E por curiosidade  
 Fui online pesquisar.

A história do meu povo  
 Nordestino negro e forte  
 É tão rica e importante  
 É vitória sobre a morte

Pois ainda do passado  
Modificam nossa sorte.

Quando penso em Aqaltune  
Sinto o encorajamento  
A vontade de enfrentar  
De mudar neste momento  
Tudo aquilo que é racismo  
E plantar conhecimento (ARRAES, 2017, p. 32).

As narrativas que apontam posições de prestígio ou luta da população negra, tendem a serem negligenciadas pelas escolas, pelos currículos, pela historiografia oficial (MUNANGA 2004, 2000). Conforme sinaliza a passagem acima, usando o desconhecimento sobre o exemplo da princesa Aqaltune, trajetórias de negros e negras que fogem do estereótipo de escravo, subserviente entre outras posições de subalternidade não é lembrada “em todo livro escolar/(...) no teatro e no cinema / que ela fosse retratada”. Ao longo do cordel sobre Aqaltune a autora evoca o leitor “a vontade de enfrentar/ de mudar neste momento / tudo aquilo que é racismo”.

Já ao falar de Dandara dos Palmares, Arraes (2017) apresenta que além de parceira de Zumbi “Em conflito / estando acuada e com sentença de retornar a condição de escrava / atirou-se de uma pedreira / preferindo a morte do que o retorno ao julgo” (ARRAES, 2017, p. 53).

Até mesmo a sua morte  
De heroísmo foi repleta  
É a mensagem que anuncia  
Entendemos bem completa:  
Rejeitar a rendição  
É a nossa condição  
Como um grito de alerta. (ARRAES, 2017, p. 51)

Dia 20 de novembro  
Dia de lembrar Zumbi  
É também dessa Dandara  
Que devemos incluir  
O seu nome celebrado  
Sim, merece ser honrado  
E no peito se sentir. (ARRAES, 2017, p. 52)

O esquecimento dado a participação de Dandara no dia 20 de novembro, já é um sinal de alerta apontado por Gonzalez (1988), pois mesmo em um evento de resistência da população negra, apenas o homem negro é exaltado. Conforme descreve Arraes (2017) “Dia 20 de novembro / dia de lembrar Zumbi / é também dessa Dandara / que devemos incluir”. Outra estratégia de luta e vigor evidenciado no fragmento por Arraes (2017) é



“rejeitar a rendição”, pois conforme fez Dandara antes sua morte do que o retorno à escravidão.

Outra belíssima narração, é feita a respeito de Esperança Garcia “escrava alfabetizada por jesuítas, no século XVIII, escreveu uma carta denunciando os maus tratos destinada ao presidente da Província de São José do Piauí, (...) considerada a primeira advogada negra” (ARRAES, 2017, p. 63). Destaca-se do texto não o caráter biográfico da personagem e sim o chamado para a reflexão sobre a postura e o legado que Esperança Garcia nos deixou:

É por isso que Esperança  
Na História se mantém  
Porque teve essa coragem  
E porque foi muito além  
Não ficou só em silêncio  
E mostrou que era alguém.

Se você não conhecia  
Essa história inspiradora  
Peço que também espalhe  
Porque é transformadora  
A verdade de Esperança  
Essa grande lutadora.

São inúmeras mulheres  
Que peitaram toda luta  
Enfrentando o racismo  
E com garra na labuta  
Construíram um caminho  
Sempre com a mente astuta (ARRAES, 2017, p. 61)

Por causa dessas mulheres  
Hoje temos liberdade  
É por isso que me orgulho  
Da minha ancestralidade  
Preservar é um prazer  
E responsabilidade (ARRAES, 2017, p. 62)

Na mesma esteira da perseverança e na exaltação do poder feminino negro, a autora retrata no cordel da Luísa Mahin

Gostaria que Luísa  
Fosse muito mais lembrada  
Nas escolas brasileiras  
Fosse sempre ali citada  
É por isso que lutamos  
Pra que seja memorada.

E para muitas mulheres negras  
Mahin é uma referência  
Um espelho poderoso

Dessa forte resistência  
É coragem feminina  
E também resiliência.

(...)

Esperamos que um dia  
De você saibamos mais  
E talvez nos encontremos  
Com os nossos ancestrais  
Com respeito e reverência  
Nas raízes culturais. (ARRAES, 2017, p. 92)

Arraes aponta no cordel da Luísa Mahin, elementos que são marcantes na sua escrita, o primeiro é associado a importância da educação, sendo materializada na defesa da instituição escolar como mecanismo de transformação do pensamento, em especial no trecho “Nas escolas brasileiras / fosse sempre ali citada”.

Outro elemento que também se faz presente no trecho destacado é a vinculação da mulher negra com a resistência e com o feminino, na mesma esteira que o depoimento de Sojourner Truth, destacado no início deste texto. Arraes sinaliza “E para muitas mulheres negras/ Mahin é uma referência /(...) /É coragem feminina / E também resiliência” (ARRAES, 2017, p. 92). Também deve-se lembrar dos saberes ancestrais, o legado africano que também está presente no excerto destacado acima, como nos diz Jarid, tudo isso configura-se as “raízes culturais” (ARRAES, 2017, p. 92).

Na mesma configuração, dar-se a narrativa sobre Maria Firmina dos Reis:

É por isso que eu faço  
No cordel a correção  
Que conheça a Firmina  
Um orgulho pra nação  
E que espalhem sua obra  
Que desperta o coração (ARRAES, 2017, p. 112)

A luta, a força também estão presentes na interpretação da biografia de Mariana Crioula

E assim como Mariana  
Muitas outras existiram  
Que lutaram e lideraram  
Bravamente resistiram  
Essas heroínas negras  
Na História emergiram.

Mesmo que pouco lembradas  
Elas são inspiração  
Pois nos contam a verdade

Sobre a história da nação  
Onde os negros guerrearam  
Pela enfim libertação.

Se na escola não se ensina  
E se na TV não mostra  
Eu escrevo esse cordel  
E espalho essa proposta  
Compartilha quem entende  
E quem da verdade gosta.

Que Mariana Crioula  
Faça parte da memória  
Para toda gente negra  
Para toda nossa história  
Que seu nome se espalhe  
Pois é nossa essa vitória.

A lição é que entregar-se  
Nunca é uma opção  
Só lutar que muda a vida  
Batalhando em união  
Com o firme objetivo  
De alcançar transformação (ARRAES, 2017, p. 122)

O processo de se reconhecer, aceitar e ressignificar seus legados e valores, levam os sujeitos marcados socialmente, particularmente as mulheres negras a reinterpretar o legado africano ancestral e o passado escravo colonial. Pois o destaque atribuído a luta e a resistência negra são pilares dos argumentos evidenciados por Arraes, conforme se vê na passagem “Sobre a história da nação / Onde os negros guerrearam / Pela enfim libertação” (ARRAES, 2017, p. 122).

Coloca, portanto, no patamar de força e de novos sentidos estes que devem fazer “parte da memória / para toda gente negra”, e as artes podem não ser apenas o veículo da mensagem mais também porta voz de uma nova esperança que “desperta o coração”, visa-se por isso “alcançar transformação”. Portanto as narrativas das mulheres negras evidenciadas por Arraes (2017) recontam não apenas trajetórias, vão além, tornam-se inspirações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os escritos de Arraes (2017) buscam dar visibilidade aos marcadores sociais da diferença, particularmente a confluência entre gênero e raça, apontando para o protagonismo dessas mulheres negras “esquecidas” pela historiografia brasileira. De acordo com a autora, o seu objetivo é fortalecer outras mulheres negras a escreverem e se

tornarem donas das suas histórias, entende por isso que os ganhos são coletivos, assim, toda comunidade negra ganha mais um recurso na luta contra as desigualdades raciais e de gênero no nosso país.

A partir de depoimentos públicos nas redes sociais, entrevistas e seus próprios escritos fica evidente que Jarid Arraes entende sua narrativa como uma forma de ativismo, na medida em que busca dar visibilidade às histórias de mulheres negras. Revelar que suas leitoras possam ser tocadas no texto, sentirem uma relação de empatia com as protagonistas narradas. Como também fica claro que a autora deseja que outras mulheres negras possam ser produtoras de conhecimento, não apenas objetos de pesquisa, mas protagonistas e escritoras da sua própria história.

Esse protagonismo feminino, ganha mais um capítulo, com a publicação do livro “Heroínas Negras”. A partir do momento em que as leitoras, particularmente negras, sintam-se inspiradas com as biografias “cordelizadas” elas possam começar a contar a sua própria história e a construir um novo país. Narrar e publicar histórias dos agentes é um ato de resistência as múltiplas diferenciações marcadas socialmente. Enfim “Conte a sua história” não é só a última seção da obra de Arraes (2017), mas a própria continuidade do “Heroínas negras”.

Recebido para publicação em 08 de maio de 2020.

Aceito em 02 de junho de 2020.

---

**REFERÊNCIAS**

- ALVES SOBRINHO, José. **Cantadores, repentistas e poetas populares**. Campina Grande: Bagagem, 2003.
- ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017.
- AZEVEDO JUNIOR, Manoel B. e ROCHA, Simone Maria da. Heroínas negras no cordel de Jarid Arraes. In: **Anais do IV Conedu - Congresso Nacional de Educação**. João Pessoa. 2017. Disponível em [https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV073\\_M D1\\_SA6\\_ID4913\\_08092017153604.pdf](https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_M D1_SA6_ID4913_08092017153604.pdf). Acesso em 23 de fev. 2019.
- BAUER, M. W. Análise de Conteúdo Clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W; GASKELL (Orgs). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. 2ª Ed Petrópolis: Vozes, 2002.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- CAMPOS, Renato Accioly Carneiro. **Ideologia dos Poetas Populares do Nordeste**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1959.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. v.2.
- \_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1980.
- CARONE, M. A. S. **Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, Ed. Vozes, 2002.
- CASCUDO, Luís Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2003.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Folhetos e jornais: uma análise comparativa do ponto de vista do leitor. In: MENDES, Simone (org.) **Cordel nas Gerais: Oralidade, Mídia e produção de sentido**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-Latino-americano. In: **Caderno de formação política do Círculo Palmarino**. n.1, Brasil. 2011. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod\\_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf). Acesso em 25 fev.2019.
- \_\_\_\_\_. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. In: **Raça e Classe**. (5): 2, nov./dez. 1988.

HAURÉLIO, Marco. A trajetória do Cordel no Brasil, em prosa e verso. In: **Cultura Crítica** (Revista Cultural da APROPUC-SP) n° 8. Dossiê sobre Literatura de Cordel. São Paulo, 2007.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional**. Rio de Janeiro: Revan, IUPERJ-UCAM, 1999.

LONDRES, Maria José Fialo. **Cordel: do encantamento às histórias de luta**. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1983.

LUGONES, Marpia. Rumo a um feminismo descolonial. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014.

LUYTEN, Joseph M. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

MATOS, Edilene Dias. Literatura de cordel: poética, corpo e voz. In: MENDES, Simone (org.). **Cordel nas Gerais: Oralidade, Mídia e produção de sentido**. Fortaleza: Expressão, 2010.

\_\_\_\_\_. **O imaginário na literatura popular em verso**. Dissertação de Mestrado em Letras, UFBA: Salvador, 1986.

MAXADO, Franklin. **O que é literatura de cordel?** São Paulo: Hedra, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

\_\_\_\_\_. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 2000.

RODAL, Asunción B. Introducción a La teoría feminista y contexto legislativo em matéria de igualdad. In. \_\_\_\_\_. **Mujeres em medios: propuesta para analizar La comunicacion massiva com perspectiva de género**. Madrid, Editorial fundamentos, 2015.

RODRIGUES, Nina. Mestiçagem, degenerescência e crime. In: **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, vol. 15, número 4, out/dez, p. 1-45, 2008a.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Madras, 2008b, p. 19-26.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Espetáculos das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memória de luta: primórdios da literatura de folhetos no nordeste (1893-1930)**. São Paulo: Global, 1983.

---

## “CORDEL-JORNAL” AND BLACK ACTIVISM: THE CORDEIS OF THE POET JARID ARRAES

**Abstract:** Artistic manifestations are tools for the construction and apprehension of reality for research in Social Sciences and Humanities, therefore the arts not only portray but also modifies/transforms reality. In view of this scenario, the following text had as its starting point the following research problem: How the poet Jarid Arraes mobilizes through the literature of cordel a black feminist activism? It will seek to understand in this way how Arraes mobilizes literature of cordel to give visibility to his activism. In relation to the method, content analysis (CA) was chosen through the instruments for generating and analyzing the representations from the construction of categories and codes. Therefore, the results were reached, which indicate an intimate relationship between the cordel and the art produced by this author with some nuances about what was traditionally called popular writing.

**Keywords:** Cordel; Black Feminism; Popular literatura.

## “CORDEL-JORNAL” Y EL ACTIVISMO NEGRO: LOS CORDEIS DEL POETA JARID ARRAES

**Resumen:** Las manifestaciones artísticas constituyen herramientas para la construcción y aprehensión de la realidad para la investigación en Ciencias Sociales y Humanidades, por lo tanto, las artes no sólo retratan, sino que también modifican/transforman la realidad. En vista de este escenario, el texto siguiente tenía como punto de partida el siguiente problema de investigación: ¿Cómo moviliza la poeta Jarid Arraes a través de la literatura de lo cordel un activismo feminista negro? Tratará de entender de esta manera cómo Arraes moviliza la literatura de lo cordel para dar visibilidad a su activismo. En relación con el método, el análisis de contenido (CA) se eligió a través de los instrumentos para generar y analizar representaciones a partir de la construcción de categorías y códigos. Por lo tanto, se alcanzaron los resultados, que indican una relación íntima entre lo cordel y el arte producido por este autor con algunos matices sobre lo que tradicionalmente se le ha llamado escritura popular.

**Palabras claves:** Cordel; Feminismo Negro; Literatura popular.

---

**Diego Ramon Souza Pereira** - Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), especialista em Antropologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Docente de Sociologia da Educação Básica do Estado da Bahia (SEC/Ba) e docente substituto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).